

A trajetória de um museu como objeto da história da ciência: uma análise das obras mais recentes sobre a história do Museu Paraense Emílio Goeldi (2006-2010)

Enviado em:
30/11/2012

Aprovado em:
04/2013

Geraldo Magella de Menezes Neto

Mestre em História Social da Amazônia pela UFPA
Bolsista CNPq do Museu Paraense Emílio Goeldi
geraldoneto53@hotmail.com

Resumo

O Museu Paraense Emílio Goeldi, localizado em Belém do Pará, é uma das instituições científicas mais antigas do Brasil. Sua trajetória, que remonta à época do império, tem sido objeto de pesquisa de vários autores desde o final do século XIX. O objetivo deste artigo é o de analisar a produção mais recente sobre a história da instituição, utilizando como fonte duas obras publicadas no início do século XXI: *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)*, de Luís Carlos Bassalo Crispino, Vera Burlamaqui Bastos e Peter Mann de Toledo, publicado em 2006; e *A coruja de minerva: o Museu Paraense entre o império e a república (1866-1907)*, de Nelson Sanjad, publicado em 2010. Tais obras fazem parte da historiografia do Museu Goeldi e da história da ciência na Amazônia, assim, destacaremos suas principais influências e contribuições.

124

Palavras-Chave

História da ciência; Historiografia; Museu Paraense Emílio Goeldi.

Abstract

The Goeldi Museum, located in Belém do Pará, is one of the oldest scientific institutions in Brazil. Its career, which dates back to the time of the empire, has been the subject of research by several authors since the late nineteenth century. The aim of this paper is to analyze the most recent production about the history of the institution, using as source two works published at the beginning of XXI century: *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)*, of Luís Carlos Bassalo Crispino, Vera Burlamaqui Bastos and Peter Mann de Toledo, published in 2006, and *A coruja de minerva: o Museu Paraense entre o império e a república (1866-1907)*, of Nelson Sanjad, published in 2010. These works are part of the historiography of the Goeldi Museum and the history of science in the Amazon, so highlight your main influences and contributions.

Keywords

History of science; Historiography; Goeldi Museum.

Introdução

O Museu Paraense terá por fim o estudo, o desenvolvimento e a vulgarização da História Natural e Etnologia do Estado do Pará e da Amazônia em particular e do Brasil, da América do Sul e do continente americano em geral. (REGULAMENTO do Museu Paraense, 1894: 22).

Com as palavras acima, o zoólogo suíço Emilio Augusto Goeldi definia a missão do Museu Paraense, museu de história natural localizado em Belém do Pará. Instituição criada no ano de 1866, o Museu passaria por uma reforma no ano de 1894, tarefa que coube a Emílio Goeldi, que tinha vindo ao Estado do Pará a convite do governador Lauro Sodré.¹ Desde então, o Museu Paraense apresenta-se como um observador privilegiado da região amazônica, tendo se notabilizado por pesquisas relacionadas às mais diversas áreas, tais como zoologia, botânica, arqueologia, antropologia, etc.

Diante de uma trajetória que remonta à época do império, a história do Museu Paraense Emílio Goeldi² e de suas pesquisas científicas tem sido objeto de pesquisa de vários autores. Um resumo dos trabalhos sobre a trajetória do Museu Paraense pode ser encontrado em um artigo de Nelson Sanjad, que realizou uma discussão sobre a historiografia produzida sobre o Museu no período 1894-2000. O texto procurava fazer um balanço do que tinha sido produzido sobre a história da instituição: desde os primeiros estudos históricos sobre o Museu, como os de Domingos Soares Ferreira Penna e José Veríssimo, produzidos no final do século XIX, até os estudos produzidos no final do século XX, que não analisavam exclusivamente o Museu Paraense, mas integrado com os outros museus de história natural no contexto de institucionalização das ciências no Brasil, tais como os trabalhos de Lilia Schwarcz, Maria Margaret Lopes e Regina Gualtieri. (SANJAD, 2001).

Passada uma década do texto de Sanjad, novos estudos sobre o Museu

1 O suíço Emílio Goeldi (1859-1917) foi um importante zoólogo do final do século XIX e início do XX. Fez o seu doutorado na Alemanha, sendo assistente de Ernst Haeckel. Trabalhou na seção de Zoologia do Museu Imperial no Rio de Janeiro entre 1884 e 1889; e de 1894 a 1907 foi diretor do Museu Paraense.

2 Quando de sua fundação, a instituição recebeu o nome de “Museu Paraense”. Em 1894 mudou para “Museu Paraense de História Natural e Etnografia”. Já em 1900 mudou novamente, desta vez para “Museu Goeldi”. Por fim, em 1931 recebe a denominação atual, “Museu Paraense Emílio Goeldi”.

Goeldi foram realizados, indicando novas perspectivas para a história da instituição. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar essa produção mais recente sobre o Museu tomando como fontes dois livros que foram publicados na primeira década do século XXI: *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)*, de Luís Carlos Bassalo Crispino, Vera Burlamaqui Bastos e Peter Mann de Toledo, publicado em 2006; e *A coruja de minerva: o Museu Paraense entre o império e a república (1866-1907)*, de Nelson Sanjad, publicado em 2010.

A análise será orientada por algumas questões, tais como: quais os objetivos das obras? Quais as influências dos autores - com quem dialogam na historiografia do Museu Goeldi? Quais as fontes utilizadas nas obras? Quais as principais contribuições que trazem para a história do Museu?

Apesar de alguns artigos terem sido publicados no início do século XXI³ optamos por fazer uma análise dos dois livros, já que tratam especificamente da história do Museu. Além disso, diferentemente do texto de Sanjad em 2001, não pretendemos fazer um balanço da historiografia do Museu na primeira década do século XXI. Os dois livros utilizados, se não podem ser vistos como representantes de toda a produção historiográfica do período, são importantes fontes no sentido de que podem ser considerados narrativas oficiais sobre a instituição, já que seus autores são ou foram vinculados ao Museu.⁴

126

História da ciência e historiografia

Para analisar tais obras, recorreremos às discussões do campo da ‘história da ciência’.⁵ Sendo o Museu Goeldi uma instituição científica, a história da ciência pode nos auxiliar a explorar melhor o museu como objeto de pesquisa. Maria Amélia Dantes aponta que nas últimas décadas “um número crescente de

3 Ver por exemplo FIGUEIREDO, 2001 e GUALTIERI, 2005.

4 Vera Burlamaqui Bastos foi chefe do setor de flora do Museu Goeldi; Peter Mann de Toledo foi diretor do Museu e é pesquisador associado da área de Geologia; já Nelson Sanjad é editor do *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. A exceção é Luís Carlos Bassalo Crispino, um dos autores de *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)*, vinculado à Universidade Federal do Pará.

5 Segundo Lilian Al-Chueyr Pereira Martins, “muitos estudiosos vêm tentando definir o que é História da Ciência ou discutindo se seria preferível a denominação História da Ciência ou História das Ciências. Tratam-se de discussões complexas sobre as quais não existe um consenso.” (MARTINS, 2005: 305).

historiadores passou a definir ciência como atividade social cujo desenvolvimento resulta da ação de variáveis internas e externas.” (DANTES, 2005: 34). Segundo a autora, os estudos recentes “procuram enfatizar que o processo de implantação de práticas científicas não foi resultante simplesmente da ação de centros difusores, sendo determinante a atuação de grupos locais”, já que considera que “o contexto cultural local, com a presença de outros saberes, também atuou neste processo, gerando apropriações diferenciadas das ciências modernas.” (DANTES, 2006: 38). Nesse sentido, Maria Amélia Dantes destaca alguns temas que tem sido trabalhados pelos pesquisadores dessa área:

Temos assim hoje, para o final do período colonial, estudos sobre a atuação de naturalistas viajantes e de jardins de aclimação e gabinetes de história natural que levantavam recursos naturais existentes no território brasileiro, realizavam catalogações ou atividades de aclimação, trazendo subsídios para o projeto metropolitano de revigoramento da produção colonial. O período imperial, também vem merecendo a atenção dos historiadores que têm acompanhado a atuação de cientistas e de instituições, como escolas profissionais, museus, associações científicas. (DANTES, 2006: 39).

127

Já Juan José Saldaña, ao tratar da história da ciência na América Latina, afirma que a história da ciência pode nos mostrar como foram constituídos dentre outros temas “a cultura científica, as comunidades, o *ethos* científico particular, as escolas de pensamento, os mecanismos sociais de avaliação do trabalho científico, as instituições, as políticas de fomento, os estabelecimentos de ensino”; e, igualmente, “os efeitos ‘perversos’, e outros aspectos sociais de grande importância, posto que, além de nos permitir entender como foi o desenvolvimento científico latino-americano, lançam luz sobre as opções do presente.” (SALDAÑA, 2000: 14).

Lilian Al-Chueyr Pereira Martins faz referência a duas possíveis abordagens em história da ciência: uma denominada ‘conceitual (interna, internalista)’, discute os “fatores científicos (evidências, fatos de natureza científica) relacionados a determinado assunto ou problema. Procura responder a perguntas tais, como se determinada teoria estava bem fundamentada, considerando o contexto científico de sua época”; a outra abordagem, denominada ‘não-conceitual (externa, externalista)’, lida com os “fatores extracientíficos (influências sociais, políticas, econômicas, luta pelo poder, propaganda, fatores psicológicos)”, procurando entender, por exemplo, “se uma teoria estava bem fundamentada para sua época e foi rejeitada, o porquê da rejeição da mesma”. (MARTINS, 2005: 306).

Além dos temas de pesquisa citados por Dantes, Saldaña e Martins, a própria historiografia da história da ciência também se torna objeto de discussão dos pesquisadores. Antonio Augusto Passos Videira observa que se não é simples apresentar uma definição da história da ciência, “por outro lado é possível compreender o seu desenvolvimento histórico.” Um dos modos para que isso se dê é “analisar os escritos (livros, monografias e artigos) produzidos na área”, sendo a produção bibliográfica “o ‘caminho’ adequado para se compreender como se desenvolveu a história da ciência.” Assim, conforme Videira, de modo geral, quando se faz referência à historiografia, “pensa-se, em primeiro lugar, numa análise crítica de obras das histórias das ciências já publicadas.” (VIDEIRA, 2007: 116).

Já Roberto de Andrade Martins utiliza o termo ‘meta-historiografia da ciência’ ao se referir a “uma reflexão sobre as atividades dos historiadores da ciência.” Segundo Martins, incluem-se na ‘meta-historiografia da ciência’ as “discussões sobre a metodologia de pesquisa do historiador da ciência, ou sobre as várias correntes de historiografia da ciência.” (MARTINS, 2005: 116).

128

Alguns trabalhos procuram identificar as principais influências e tendências do campo da história da ciência. Antonio Augusto Passos Videira identifica três fases historiográficas distintas desse campo no período 1950-2000: a primeira dessas fases, que vai até o início dos anos 1960 pode ser caracterizada como ‘positivista e presentista’, na qual a ciência “é habitualmente apresentada como um corpo de conhecimento, teleologicamente estruturado, experimental.” (VIDEIRA, 2007: 131); a segunda fase, genericamente chamada de ‘pós-positivista’ surgiu a partir da conjunção de fatores, tais como a influência da obra de Thomas Kuhn publicada em 1962, *A estrutura das revoluções científicas*, e a resposta de Imre Lakatos, que, reconhecendo a importância das críticas que Kuhn dirigiu ao Círculo de Viena e a Karl Popper, desenvolveu uma resposta baseada na existência dos chamados programas de pesquisa. (VIDEIRA, 2007: 132); já a terceira fase apareceu a partir do início da década de 1970, podendo ser denominada de ‘pós-modernista’, na qual a ciência é compreendida como sendo basicamente “uma entidade sociológica configurada por restrições contingentes, vinculadas a agentes específicos e a práticas locais.” (VIDEIRA, 2007: 133).

No caso do Brasil, Moema Vergara identifica duas vertentes da historiografia da ciência tendo como pano de fundo o debate sobre a modernidade: a primeira corrente, mais próxima da sociologia da ciência, é influenciada por Fernando de Azevedo e Simon Schwartzman; já a segunda está identificada com a história das

instituições científicas no Brasil. (VERGARA, 2004).

Moema Vergara aponta que na obra de Schwartzman há a ideia de que “o marco fundador da comunidade científica brasileira está no advento das universidades, local onde se dá o início da profissionalização da atividade científica brasileira”. A matriz de Simon Schwartzman está na obra de Fernando de Azevedo, que via “uma inaptidão nata do brasileiro para os estudos das ciências.” (VERGARA, 2004: 23). Por outro lado, a corrente da história das instituições científicas no Brasil “valoriza a atividade científica na Colônia”, além de entender a difusão científica no Brasil como “algo dinâmico no qual os setores locais tiveram um papel determinante nas escolhas dos modelos adotados.” (VERGARA, 2004: 27-28).

Lílian Al-Chueyr Pereira Martins aponta dois tipos de documentos nas pesquisas em história da ciência, classificando-os em “fontes primárias (material da época estudada escrito pelos pesquisadores estudados) e fontes secundárias (estudos historiográficos e obras de apoio a respeito do período e dos autores investigados).” (MARTINS, 2005: 310).

Desse modo, o presente artigo trabalha com as chamadas fontes secundárias, já que utiliza como fontes duas obras sobre a história do Museu Paraense Emílio Goeldi. Entendemos que uma análise da própria historiografia sobre a história da instituição contribui também para um melhor entendimento de como a ciência na Amazônia é vista por seus pesquisadores, já que o Museu não deixa de ser um importante elemento na produção científica na região.

No caso das duas obras que serão analisadas aqui sobre o Museu Paraense Emílio Goeldi, elas tomam como fonte e influência os escritos de Osvaldo Rodrigues da Cunha (1928-2011), uma espécie de historiador ‘oficial’ do Museu na segunda metade do século XX. Os livros da primeira década do século XXI não deixam de tomar os escritos de Cunha como referência, sendo este inclusive alvo de agradecimentos e homenagens dos autores.⁶ Assim, antes da análise das duas obras, torna-se necessário referirmos primeiramente às pesquisas de Osvaldo Cunha.

6 Os dois livros apontam Osvaldo Cunha como um “antecessor” dos estudos sobre a história do Museu. Luís Carlos Bassalo Crispino afirma, por exemplo, que “via de regra, Osvaldo Cunha se revelou preciso em datas, nomes e números. A ele dirigimos nosso reconhecimento e nossa gratidão.” (CRISPINO, 2006: 20). Já Nelson Sanjad faz “homenagem ao Dr. Osvaldo Rodrigues da Cunha, cuja obra sobre a história do Museu Paraense permanece como fonte primeira para a preservação da memória institucional, pela qualidade, honestidade e inspiração.” (SANJAD, 2010: 33).

A influência de Osvaldo Cunha na historiografia do Museu Goeldi

A historiografia do Museu Paraense Emílio Goeldi tem uma forte influência dos escritos do zoólogo e memorialista Osvaldo Rodrigues da Cunha, escritos muitas vezes tomados como a história ‘oficial’ do Museu.⁷ Cunha, cuja produção se inicia nos anos 1950, trabalha com a ideia de que a história do Museu Paraense poderia ser contada “como uma sucessão de fases, alternando-se esplendor e decadência, vigília e sono. Essas fases são entendidas como uma cronologia evolutiva da instituição, iniciada com uma fase ‘pré-científica’ e finda com o que surgia, na década de 1950, como ‘Ciência pura’.” (SANJAD, 2001: 114).

Nelson Sanjad afirma que Osvaldo Cunha “atualizou esquemas teóricos mais antigos”, como os utilizados por Friedrich Katzer, os quais pressupõem “tanto uma ruptura ocorrida com a República quanto uma suposta evolução institucional”. (SANJAD, 2001: 114). Desse modo, Cunha divide a história do Museu em seis fases:

130

O início, para Cunha, foi marcado por turbulentas questões políticas, que teriam impedido a realização de um trabalho científico pelo Museu e seus colaboradores. Classificada como “pré-científica”, essa primeira fase coincide com o governo imperial (1866-1888), tendo na atuação e na obra de Ferreira Penna os principais referenciais. A segunda fase, iniciada com a reforma de Goeldi e finda com a demissão de Snethlage (1921), seria de “consolidação”, propiciada pelos recursos provenientes da exportação de goma elástica. A terceira seria a década de “crise” e “decadência” (1921-1930), que dizimou a economia gomífera e abortou o projeto científico de Goeldi. A quarta (1930-1945) teria no Estado Novo e na administração de Carlos Estevão de Oliveira os seus marcos político e científico. A quinta (1945-1955) seria um novo período de “crise” e dificuldades impostas pelo pós-Guerra. Por fim, a sexta fase (1955-), considerada a fase “científica” propriamente dita, foi iniciada quando o Museu passou a ser administrado pelo governo federal. (SANJAD, 2001: 121).

Nesse sentido, a periodização da história do Museu feita por Cunha

7 Além de vários estudos sobre a história do Museu publicados em jornais, revistas e livros, Osvaldo Cunha também produziu ampla pesquisa na área da herpetologia (parte da zoologia que trata dos répteis e anfíbios). Para um resumo da contribuição de Cunha para a herpetologia, ver AVILA-PIRES, 2011.

influenciou muitos pesquisadores.⁸ No entanto, não só a periodização, mas também os estudos biográficos realizados por Osvaldo Cunha são bastante citados, tornando-se uma referência. Podemos citar a obra *Talento e atitude: estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi*, publicada em 1989, que contém a biografia de catorze cientistas, diretores do Museu e demais pessoas que tiveram relação com a instituição.⁹

Concordamos que os escritos de Osvaldo Cunha são de fato referência para uma história do Museu, o que é percebido inclusive nas obras mais recentes sobre a instituição. No entanto, ao invés de simplesmente reproduzir suas ideias, deve-se considerar o contexto em que Cunha produziu para se entender a sua obra. Nessa perspectiva, torna-se necessária uma breve abordagem do livro *Talento e atitude*.

Podemos dizer que a obra *Talento e atitude* era uma espécie de resposta ao que o autor considerava o esquecimento da história da ciência na Amazônia. Cunha afirmava que “a história da pesquisa científica no Brasil e seus cientistas sempre foi relegada a plano medíocre e parcial” (CUNHA, 1989: 15). O autor cita, por exemplo, o livro *As Ciências no Brasil*, organizado por Fernando de Azevedo (publicado em 1955), e a obra *História das Ciências no Brasil*, coordenado por Mário Ferri e Shozo Motoyama (obra em três volumes, publicada entre 1979 e 1981). Sobre o livro de Azevedo, afirma que é “muito defeituoso e parcial no que diz respeito à Amazônia, suas instituições científicas e seus cientistas no passado”; já sobre a obra de Ferri e Motoyama, Cunha aponta que “deixa ficar muita coisa por informar e é, às vezes, incompleta e discordante. Pouco ou quase nada se refere à Ciência e cientistas na Amazônia.” (CUNHA, 1989: 15).

Até mesmo no Pará Osvaldo Cunha observa uma lacuna sobre a história

8 Dentre os pesquisadores que produzem uma cronologia a partir de Osvaldo Cunha, Nelson Sanjad cita na área da antropologia Ângela Bertho, que classifica a história do Museu em fases como ‘Formação’, ‘Consolidação’, ‘Crise e decadência’ e ‘Reorganização’. (SANJAD, 2001: 125). Já na área da arqueologia, Sanjad cita Mário Simões, que aponta duas fases da arqueologia no Museu: a ‘pioneira’ ou ‘especulativo-descritiva’ (1866-1954) e a ‘atual’ (1953-) (SANJAD, 2001: 122); também na área da arqueologia, Mauro Barreto classificou as pesquisas arqueológicas da instituição em seis períodos: ‘pioneiro’ (1866-1894), ‘goeldiano’ (1894-1907), ‘estacionário’ (1907-1948), ‘ressurgimento’ (1948-1962), ‘de Mário Simões’ (1962-1985) e ‘atual’ (1985-). (SANJAD, 2001: 137).

9 Os biografados por Osvaldo Cunha são os seguintes: Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1880), Francisco da Silva Castro (1815-1889), Edgar Leopold Layard (1824-1900), Joaquim Pedro Correa de Freitas (1829-1888), José Ferreira Cantão (1827-1893), José Coelho da Gama e Abreu (1831-1906), Charles Frederick Hartt (1840-1878), Aureliano Pinto de Lima Guedes (1848-1912), Herbert Huntington Smith (1851-1919), Maria Elizabeth Emília Snethlage (1868-1929), Carlos Estêvão de Oliveira (1880-1946), Rodolpho de Siqueira Rodrigues (1884-1957), Paul Vincent Ledoux (1898-1984) e Walter Alberto Egler (1924-1961).

da ciência na região, afirmando que “a história científica e a biografia de cientistas têm sido uma lástima e uma indigência de memória pelo passado que mais parece uma terra sem história e sem existência.” (CUNHA, 1989: 15). Apesar de elogiar o livro *Vultos Notáveis do Pará*, de Ricardo Borges (publicado em 1970), “o melhor livro de biografias que se publicou no Pará”, Cunha aponta “incorreções, lapsos e grandes lacunas sobre cientistas, naturalistas e pesquisadores em geral, sejam paraenses ou estrangeiros”, não preenchendo “o vácuo da história da ciência no Pará”. (CUNHA, 1989: 16-17).

Nesse sentido, para preencher a lacuna sobre história da ciência no Pará Osvaldo Cunha utilizava a biografia de pessoas ligadas ao Museu Goeldi, porque entendia que “a biografia bem elaborada e coordenada com imparcialidade e analisada através das fontes documentais confiáveis, reconstitui uma época” (CUNHA, 1989: 14). Os critérios para a escolha dos biografados levava em conta “a contribuição e a maior representatividade que a pessoa em questão teve no desenvolvimento do Museu Paraense Emílio Goeldi, na pesquisa científica ou no aspecto administrativo.” (CUNHA, 1989: 17).

132

Segundo Nelson Sanjad, Osvaldo Rodrigues da Cunha operava “com conceitos das ciências naturais e os transpunha para o campo historiográfico, como se esse movimento garantisse a cientificidade que buscava no ‘fazer história’.” (SANJAD, 2011: 220). O recurso a cientificidade de seu trabalho historiográfico tinha como finalidade “demarcar uma fronteira entre o que havia sido dito até então e o que estava sendo gestado, anunciado pelo próprio Cunha como algo mais confiável e próximo da ‘verdade’.” (SANJAD, 2011: 221). Sobre a obra *Talento e atitude*, Sanjad considera esse “singelo livro com título curioso, uma fonte de inestimável valor para a consulta de historiadores e cientistas”, já que traz textos únicos no seu gênero, como a biografia de Carlos Estevão de Oliveira (1880-1946). (SANJAD, 2011: 223).

Podemos relacionar os estudos de Osvaldo Cunha sobre a história do Museu Paraense Emílio Goeldi com o relato de Juan José Saldaña sobre a “evolução dos estudos históricos sobre a ciência latino-americana”. Para este autor, os estudos anteriores à renovação na história das ciências na região caracterizavam-se por terem sido “histórias laudatórias, cronologias de acontecimentos e relatórios comemorativos os trabalhos que buscavam levantar a experiência científica latino-americana”. (SALDAÑA, 2000: 13).

De fato, em *Talento e atitude*, Osvaldo Cunha busca exaltar a atuação dos seus biografados, que são cientistas e diretores do Museu. Por exemplo, sobre

a gestão de Carlos Estevão de Oliveira à frente do Museu (1930-1945), Cunha celebra as realizações do diretor, afirmando que este foi “um pioneiro que conseguiu levar adiante um propósito, um programa bem estudado da criação de animais silvestres em cativeiro” (CUNHA, 1989: 110), além de criar no Parque “o esplêndido *Palmarum*, como ele chamava a área onde existiu a piscicultura.” (CUNHA, 1989: 112). Por fim, Cunha informa que o diretor “procurou incentivar as pesquisas científicas no Museu”: “patrocinou e encorajou os estudos do Dr. Eládio Lima sobre os mamíferos da Amazônia”; conseguiu trazer “o velho zoólogo Godofredo Haggmann para chefiar a Seção de Zoologia”; conseguiu trazer “o maior etnólogo da época, Curt Nimuendajú” para “estudar várias tribos indígenas amazônicas”; além de outros cientistas renomados que colaboraram com o Museu, como o limnólogo Harald Sioli, a “famosa arqueóloga” Helen Palmatary, o “velho botânico” Adolpho Ducke, etc. (CUNHA, 1989: 112-113)

Desse modo, a obra de Osvaldo Cunha não deixa de ser uma referência na história do Museu, entretanto, deve ser vista com ressalvas, mais como fonte passível de críticas do que uma história ‘oficial’ do Museu. Os dois livros a serem analisados não deixam de tomar a obra de Cunha como fonte, trazendo a partir dele novas perspectivas para a história do Museu.

133

As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)

A primeira obra a ser analisada é o livro *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)*, de Luís Carlos Bassalo Crispino, Vera Burlamaqui Bastos e Peter Mann de Toledo, que foi publicado no ano de 2006. Podemos dizer que trata-se de uma obra voltada para o público em geral, já que, segundo Peter Mann de Toledo, o livro “não tem como objetivo principal analisar detalhadamente ou comentar os sucessivos acontecimentos”, ele se preocupa primeiramente em “contextualizar os fatos diante das ações dos atores que influenciaram na construção, manutenção e dinâmica do cotidiano institucional.” (TOLEDO, 2006: 16).

A influência de Osvaldo Cunha é reconhecida pelos autores, que afirmam que “foram guiados pelos numerosos trabalhos do laborioso historiador da instituição, Osvaldo Rodrigues da Cunha.” No entanto, os autores constatarem que a riqueza de informações dos livros de Cunha “contrasta com a escassez de citações precisas de quais as fontes em que estas informações foram obtidas”. (CRISPINO,

2006: 19). Desse modo, a obra torna-se uma espécie de atualização da história do Museu feita anteriormente por Osvaldo Cunha, já que os autores percorreram os mesmos caminhos do memorialista, mas desta vez indicando as fontes que não foram citadas nas obras de Cunha.

Os autores utilizam como fontes ofícios, cartas, relatórios provinciais e institucionais e jornais de época, além da apresentação de material iconográfico. A utilização de jornais como fonte tem como objetivos “esclarecer relações cronológicas, aprofundar análises e auxiliar na interpretação de informações eventualmente antagônicas”, além de contextualizar, sob a visão dos jornalistas locais, “polêmicas, interesses e repercussões relacionadas à implantação e ao funcionamento de um museu de história natural e etnografia na capital paraense.” (CRISPINO, 2006: 20).

O livro *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi* adota como recorte temporal o período 1860-1921, que representa respectivamente a ideia inicial para a criação de um museu de história natural no Pará e a saída de Emília Snethlage, a última diretora estrangeira do Museu. Percebemos nessa opção de recorte temporal uma aproximação com a periodização proposta por Osvaldo Cunha, sobretudo pelo livro finalizar o estudo no ano de 1921, ano que representa para Cunha o fim da fase de “consolidação” do Museu.

A obra se divide em sete capítulos, mais anexos. Os capítulos seguem uma cronologia que mesmo sob a influência de Osvaldo Cunha não deixa de ter as suas especificidades: ‘A Idéia (1860-1866)’, ‘A Associação Filomática (1866-1871)’, ‘A Instalação (1871-1887)’, ‘A Anexação à Biblioteca Pública (1887-1890)’, ‘A Reorganização (1890-1894)’, ‘A Administração de Emílio Goeldi (1894-1907)’ e ‘Pós-Goeldi – Os Diretores Estrangeiros (1907-1921)’.

De fato, a obra de Crispino, Bastos e Toledo não aborda todo o período imperial de uma só vez, como o faz Osvaldo Cunha, que associa esse período à fase “pré-científica” do Museu (1866-1888). Em seu recorte temporal, a obra *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi* aponta que a história do Museu pode ser abordada sem seguir a cronologia política, já que a fase da ‘Anexação à Biblioteca Pública’ (1887-1890) abrange tanto o período imperial quanto o republicano. No entanto, a valorização do período no qual Emílio Goeldi foi diretor do Museu segue o mesmo caminho de Osvaldo Cunha.

Os autores sugerem que a ideia da criação de um museu de história natural em Belém ocorreu num contexto de grande fluxo de naturalistas estrangeiros na Amazônia. Tais naturalistas, “preparavam as coleções recolhidas e as despachavam

para seus países de origem, para ocupar lugar de destaque nos diversos museus espalhados pelas principais capitais do mundo.” (CRISPINO, BASTOS, TOLEDO, 2006: 27). Além disso, as remessas de material para o Museu Nacional no Rio de Janeiro também “devem ter fomentado nos políticos e intelectuais no Pará a ideia da fundação de um museu de história natural na sua própria província.” (CRISPINO, BASTOS, TOLEDO, 2006: 28).

Consideramos a obra *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)* mais como uma fonte para os pesquisadores do que como um estudo analítico sobre o Museu Paraense Emílio Goeldi. A obra se caracteriza como uma narrativa da história da instituição, abordando os fatos relacionados ao Museu no período 1860-1921. Isso não tira o mérito do livro, que desde o início deixa claro tratar-se de obra voltada para o público em geral. Assim, a obra cumpre a sua função de apresentar a história do Museu àqueles que não a conhecem.

Apesar de não realizar uma análise crítica dos documentos, como relatórios e jornais, a obra indica de onde eles foram transcritos e consultados. Esse procedimento se mostra um avanço em relação às pesquisas de Osvaldo Cunha, que muitas vezes não indicava as fontes de onde tirava as informações sobre as pessoas ligadas ao Museu.

O livro mostra, por exemplo, os debates na Assembleia Provincial sobre os recursos destinados ao Museu, inclusive os discursos dos deputados que eram contrários. Na sessão de 11 de outubro de 1867, na qual se votou pela autorização do auxílio de recursos do governo da província para a Associação Filomática com o fim de criar o Museu, dois deputados provinciais votaram contra pelos seguintes motivos:

1º Porque, fazendo nós parte desta associação instalada em uma das salas do palácio do governo em agosto do ano passado, não temos tido conhecimento de que tenha ela funcionado, o que prova o estar extinta, ou a nenhuma importância que seus instituidores ligam a ela.

2º Porque, tendo esta associação no princípio deste ano recebido uma prestação de 2 contos de réis dada pelo presidente Pedro Leão Velloso, não sabemos em que fosse ela aplicada, o que não deve admirar, pois, se não se sabe onde funciona a sociedade, muito menos se pode saber o destino que teve essa quantia. (CRISPINO, BASTOS, TOLEDO, 2006: 52).

Já no ano de 1871, o deputado tenente-coronel José do Ó de Almeida declarou que “votou contra a emenda que manda dar uma quantia para compra de

certas necessidades do Museu Paraense visto como as circunstâncias do tesouro não permitem que se despenda dinheiro com gafanhotos.” (CRISPINO, BASTOS, TOLEDO, 2006: 75).

Os dois relatos dos deputados são importantes no sentido de que nos sugerem que a destinação de recursos para a manutenção do Museu Paraense era antecedido por intensos debates. Os gastos com o Museu eram vistos muitas vezes como desperdício de dinheiro público por alguns deputados, que argumentavam que o governo provincial deveria investir em outras áreas prioritárias. Assim, mesmo valorizando a trajetória do Museu Goeldi, os autores não deixam de fazer referência aos opositores ao projeto da instalação da instituição.

A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)

‘A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)’ é fruto da tese de doutorado de Nelson Sanjad em História das Ciências e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz, defendida no ano de 2005. A obra ganhou o prêmio ‘Mário de Andrade’ do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na categoria ‘Teses’ no ano de 2008, sendo então publicada no ano de 2010.

O objetivo do livro é “refletir sobre a construção institucional do Museu Paraense, tendo como pano de fundo a passagem do Império para a República”, mais especificamente, “analisar as mudanças políticas que posicionaram o Museu Paraense, após o golpe republicano de 1889, como uma das instituições estaduais prioritárias em termos de aplicação de recursos financeiros e como importante símbolo para a identidade das elites locais.” (SANJAD, 2010: 16). O autor utiliza como recorte cronológico o período 1866-1907, que representa respectivamente a fundação do Museu e o término da gestão do zoólogo suíço Emílio Goeldi. Essa periodização também remete um pouco às ideias de Osvaldo Cunha, principalmente a visão da gestão de Goeldi como o ‘auge’ da história do Museu.

Nelson Sanjad utiliza uma extensa variedade de documentos, que incluem atas, ofícios, cartas, jornais, leis, relatórios, contratos e fotografias, de vários arquivos em Belém, São Paulo e Rio de Janeiro. Além disso, Sanjad utiliza muitos artigos científicos, inclusive em língua estrangeira, de cientistas de diversas áreas, como zoologia, botânica, ornitologia, entomologia, arqueologia, etnologia, etc.

Podemos dizer que o livro se divide em duas partes: a primeira, que

trata especificamente da história do Museu Paraense, compreende o capítulo 1, ‘O Museu Paraense no período Imperial’ e o capítulo 2, ‘A reforma do Museu Paraense no período republicano’, enfocando principalmente as figuras de Domingos Soares Ferreira Penna, na época do Império, e Emílio Goeldi, na época da República; já a segunda parte compreende o capítulo 3, ‘Agenda de pesquisa e autoridade científica’, e o capítulo 4, ‘O Museu Paraense e as questões regionais’, já tratando especificamente das estratégias de Emílio Goeldi para obter o reconhecimento do Museu como autoridade científica na fauna amazônica, bem como o seu envolvimento em questões políticas e de ordem pública, como no caso do Contestado Franco-Brasileiro (1897-1900) e nas pesquisas sobre a entomologia médica.

O estudo de Sanjad recebe forte influência do campo da ‘história das ciências’. A partir das ideias mais recentes desse campo, o autor critica as hipóteses que tendem a generalizar definições e conceitos sobre os museus de história natural do fim do século XIX. O autor deixa claro que o seu argumento “não deve ser confundido com um tipo de história positivista das ciências que classifica o regime imperial como pré-científico e o republicano como científico”, nem com “uma tentativa de delimitação da origem de uma ‘ciência nacional’ e autônoma.” (SANJAD, 2010: 19).

137

Apesar de Sanjad trabalhar com a ideia de que a passagem do Império para a República constitui-se um ‘marco’ na história do Museu, o que também é percebido por Osvaldo Cunha, sua obra se diferencia porque relaciona a transformação do Museu Paraense no início da República com o projeto político dos primeiros governadores republicanos, que viam no Museu um elemento de ‘instrução do povo’, pelo qual se chegaria ao ‘progresso da nação’, ideias profundamente influenciadas pelo positivismo.

Nesse sentido, ao analisar o Museu na passagem do Império para a República, o autor toma o cuidado de não adotar o discurso dos republicanos, o qual muitos pesquisadores acabaram incorporando em seus estudos sobre a história do Museu Paraense, inclusive Osvaldo Cunha. Assim, a ideia de evolução da instituição, que a apresenta sob uma interpretação positiva em relação ao período republicano e sob uma interpretação negativa em relação ao período imperial, é criticada por Nelson Sanjad, que estuda “o contexto de criação do Museu e os significados que a instituição adquiriu para a elite dirigente no Pará durante o império.” (SANJAD, 2010: 40).

A obra de Sanjad traz importantes contribuições e novas perspectivas para

a história do Museu. Ao realizar uma análise da trajetória de Ferreira Penna, por exemplo, Sanjad contesta vários pesquisadores, que, equivocadamente, vinculavam a obra científica de Ferreira Penna ao Museu Paraense, como Osvaldo Cunha. Segundo Sanjad, a obra de Penna teve como “interlocutor, financiador e veículo de divulgação o Museu Nacional, sua revista e seus funcionários”, sendo assim, não houve “uma única pesquisa concluída ou publicação” levada pelo Museu Paraense nos seus primeiros 23 anos. (SANJAD, 2010: 120).

Nelson Sanjad também destaca a atividade científica de Emílio Goeldi, que construiu uma agenda de pesquisa com o objetivo de angariar ‘autoridade científica’ em relação aos estudos sobre a fauna amazônica. Além das publicações na revista da instituição, o ‘Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia’, Goeldi manteve um intenso intercâmbio com cientistas e instituições, inclusive da Europa, enviando artigos e espécies coletadas. O autor destaca que Goeldi foi “extremamente hábil na percepção dos ‘vácuos de autoridade’ existentes no conhecimento zoológico da Amazônia, assim como na seleção de problemas irresolutos e temas que se apresentavam ou emergiam como ‘campos de batalha’.” (SANJAD, 2010: 287).

138

O livro de Sanjad também demonstra a relação de Goeldi com as autoridades no chamado Contestado Franco-Brasileiro (1897-1900). Goeldi fez duas expedições ao Amapá para proceder a um inventário científico da região para auxiliar a posição brasileira contra a França, que reivindicava o território apoiada nos estudos de Henri Coudreau. Nelson Sanjad mostra que mais do que produzir o inventário científico, Goeldi atuou no caso como uma espécie de ‘espião’, transmitindo informações às autoridades brasileiras sobre a comissão suíça que iria arbitrar a questão. Nesse sentido é notável o esforço de Sanjad em reconstruir cada passo da estratégia brasileira, apoiado nas cartas trocadas entre Goeldi e o Barão do Rio Branco.

Emílio Goeldi também se voltou para o ramo da entomologia médica, estudando várias espécies de mosquitos, num momento em que não apenas havia “a emergência da entomologia médica como disciplina autônoma”, mas também “o aumento de casos de febre amarela em Belém e uma maior atenção do poder público estadual para a saúde pública.” (SANJAD, 2010: 346). Sanjad aponta a pouca atenção dos pesquisadores sobre esses estudos de Goeldi, que é menor em relação aos trabalhos ornitológicos, mas “não menos importante em razão da densidade desses estudos e da repercussão que tiveram no meio científico.” (SANJAD, 2010: 359).

Podemos relacionar a abordagem de Nelson Sanjad sobre o envolvimento de Emílio Goeldi com as autoridades no chamado Contestado Franco-Brasileiro (1897-1900) e os estudos do zoólogo sobre a entomologia médica com o que Moema Vergara identificou de “profunda reorientação teórico-metodológica” experimentada na historiografia brasileira da ciência após os anos 1970. Os trabalhos a partir desse contexto começaram a ver “as instituições científicas como agentes da implantação de práticas e conhecimentos científicos, sobretudo no que diz respeito à ‘análise da influência de fatores extracientíficos no processo de produção de conhecimentos’.” (VERGARA, 2004: 27). De fato, o livro de Sanjad sugere que Goeldi, mesmo tendo que se distanciar de sua pesquisa inicial por causa de demandas externas, soube reverter isso em benefício do Museu Paraense, conseguindo mais apoio para desenvolver os seus projetos na instituição.

Considerações finais

Os dois livros analisados neste artigo trouxeram importantes contribuições para a historiografia do Museu Paraense Emílio Goeldi e para a história da ciência na Amazônia. Ao finalizar seu artigo publicado em 2001 sobre o balanço da historiografia do Museu produzida no período 1894-2000, Nelson Sanjad dizia ser necessário estudos que sobretudo valorizassem as fontes primárias na análise histórica. (SANJAD, 2001: 132). Os livros de Crispino, Bastos, Toledo, e o do próprio Sanjad, apesar de distintos em seus métodos e objetivos, seguiram nessa perspectiva, trabalhando com esses tipos de fontes e apontando vários caminhos para novas pesquisas.

Os dois livros, apesar de reforçarem mitos da história do Museu, como Emílio Goeldi e Ferreira Penna, não deixam de abordar outros personagens da instituição. Crispino, Bastos e Toledo fazem várias referências às contratações de cientistas estrangeiros pelo Museu, sobretudo na gestão de Emílio Goeldi, utilizando relatórios, correspondências e reportagens de jornal, que noticiavam a chegada dos cientistas em Belém. Igualmente, Sanjad trata dos cientistas contratados pelo Museu, destacando os seus países de origem e as suas formações acadêmicas.

As duas obras, cujos autores curiosamente não se citam,¹⁰ também contribuem para um entendimento da construção do perfil científico do Museu, que no período de Emílio Goeldi valorizou as pesquisas na área das ciências naturais, principalmente a Zoologia e a Botânica. Além disso, demonstraram o impacto do estabelecimento do parque zoológico do Museu na cidade de Belém, local bastante frequentado pela população local e pelos viajantes.

Diante disso, a partir das contribuições das duas obras, cabe um desafio aos futuros pesquisadores sobre a história do Museu Paraense Emílio Goeldi e sobre a história da ciência na Amazônia: avançar na periodização dos estudos,¹¹ que até o momento priorizaram a fase do chamado “apogeu” da instituição, do final do século XIX e início do XX, período que coincide com a *Belle Époque* amazônica, o auge da economia da borracha. Com a abordagem de períodos mais recentes, podem-se derrubar mitos como o da “decadência” do Museu após a década de 1910, e se ampliar o rol de fontes, a exemplo das fontes orais, a partir de depoimentos de cientistas e funcionários do Museu, que tem muito a dizer sobre a instituição.

Bibliografia

140

AVILA-PIRES, Teresa Cristina. “A contribuição de Osvaldo Rodrigues da Cunha (1928-2011) à Herpetologia”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, v. 6, n. 1, p. 229-231, jan.-abr. 2011.

CRISPINO, Luís Carlos Bassalo; BASTOS, Vera Burlamaqui; TOLEDO, Peter Mann de. *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)*. Belém: Paka-Tatu, 2006.

CRISPINO, Luís Carlos Bassalo. Prefácio. In: CRISPINO, Luís Carlos Bassalo; BASTOS, Vera Burlamaqui; TOLEDO, Peter Mann de. *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)*. Belém: Paka-Tatu, 2006.

10 É curioso o fato de que a obra de Nelson Sanjad, publicada em 2010, não faça referência ao livro *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)*, que foi publicado em 2006. Por outro lado, Crispino, Bastos e Toledo também não fazem referência ao artigo de Sanjad, “Bela adormecida entre a vigília e o sono: uma leitura da historiografia do Museu Paraense Emílio Goeldi (1894-2000)”, publicado no ano de 2001. É praticamente impossível que um não conhecesse a pesquisa do outro. Isso talvez sugira uma espécie de disputa pela narrativa oficial da história do Museu Goeldi.

11 Poucas pesquisas analisaram a história do Museu enfocando gestões de diretores após a de Emílio Goeldi. Podemos citar o artigo de Aldrin Figueiredo, que trata da gestão de Carlos Estêvão de Oliveira, no período 1930-1945. (FIGUEIREDO, 2001).

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. *Talento e atitude: estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

DANTES, Maria Amélia M. A implantação das ciências no Brasil – um debate historiográfico. In: ALVES, José Jerônimo de Alencar. (org.). *Múltiplas faces da história das Ciências na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2005, pp. 31-48.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Parque da cidade, Museu da nação: nacionalismo, modernismo e instituições científicas na Amazônia, 1930-1945. In: FAULHABER, Priscila; TOLEDO, Peter Mann de. (orgs.). *Conhecimento e fronteira: história da Ciência na Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. A Amazônia sob olhares evolucionistas: a ciência no Museu Paraense (1894-1914). In: ALVES, José Jerônimo de Alencar. (org.). *Múltiplas faces da história das Ciências na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2005, pp. 103-134.

MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. “História da Ciência: objetos, métodos e problemas”. *Ciência & Educação*. v. 11, n. 2. pp. 305-317, 2005.

MARTINS, Roberto de Andrade. Ciência *versus* historiografia: os diferentes níveis discursivos nas obras sobre história da ciência. In: ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria; BELTRAN, Maria Helena Roxo. (orgs.). *Escrevendo a História da Ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas*. São Paulo: EDUC / Livraria da Física / FAPESP, 2005, pp. 115-145.

REGULAMENTO do Museu Paraense. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*. v. 1, n. 1, 1894.

SALDAÑA, Juan José. Ciência e identidade cultural: a história da ciência na América Latina. In: FIGUERÔA, Silvia F. de M. (org.). *Um olhar sobre o passado: história das ciências na América Latina*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000, pp. 11-31.

SANJAD, Nelson. Bela adormecida entre a vigília e o sono: uma leitura da historiografia do Museu Paraense Emílio Goeldi (1894-2000). In: FAULHABER, Priscila; TOLEDO, Peter Mann de. *Conhecimento e fronteira: história da Ciência na Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001.

_____. *A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

_____. A contribuição de Osvaldo Rodrigues da Cunha (1928-2011) à História da Ciência. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas. Belém, v. 6, n. 1, jan-abr. 2011.

TOLEDO, Peter Mann de. Apresentação. In: CRISPINO, Luís Carlos Bassalo; BASTOS, Vera Burlamaque; TOLEDO, Peter Mann de. *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)*. Belém: Paka-Tatu, 2006.

VERGARA, Moema de Rezende. “Ciência e modernidade no Brasil: a constituição de duas vertentes historiográficas da ciência no século XX”. *Revista da SBCH*. v. 2, n. 1, pp. 22-31, jan/jun 2004.

VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. “Historiografia e história da ciência”. *Escritos: revista da Casa de Rui Barbosa*, v. 1, p. 111-158, 2007.